

pediu que sobre o cadaver se tivesse lançado terra, como succede nas outras. Nesta porém não havia fundo de pedra; o esqueleto assentava na terra. Na cabeceira servia um fragmento de tosca pilastra cannelada. É a fig. 21.^a Media de comprimento 1^m,90; de largo 0^m,39; de alto 0^m,28.

O rosto do cadaver tinha sido voltado para o sul, mas a sepultura era orientada como todas as outras.

(No proximo fasciculo segue: 4. *Antiguidade do cemiterio*).

FELIX ALVES PEREIRA.

Os archivos ecclesiasticos da Guarda

No intuito de saber o paradeiro e o estado presente e passado dos archivos do pais, tenho ido reunindo as menções dos cartorios que a destruição das antigas instituições, junto á ignorancia e malevolencia de camadas de funcionarios, tem malbaratado, posto se ouçam por vezes brados de socorro, a que não correspondem os actos.

Cabe agora a vez de juntar as noticias que se encontram dispersas no livro elaborado por um funcionario que tem a confiança do Estado, funcionario no qual se encontram reunidas faculdades de investigação bem raras entre nós e bem pouco cultivadas.

O archivo da sé da Guarda foi examinado nos fins do seculo XVIII por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo ou por pessoa interposta, como se collige, alem de outros que se poderiam citar, d'este passo do *Elucidario*, vol. I, pag. 292: «No Tombo dos Jantares, que se conserva no Archivo da Sé da Guarda, se diz o seguinte . . . »

Alexandre Herculano, em 1857, escreveu¹ as seguintes palavras, onde, occultando-se o nome da diocese, se sabe, todavia, dirigir-se á da Guarda: «No cartorio de certa corporação, lançado pela janela fóra durante a guerra peninsular por alguns soldados franceses, e de que só uma pequena parte foi recolhida, achou-se ainda em 1853 incrustado nos pergaminhos o lodo em que estiveram mergulhados durante alguns dias; tal tinha sido o desvelo da corporação acêrca dos monumentos que salvára. Não sabemos se é das que bradam contra a offensa feita ao seu direito de propriedade».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

«Na Guarda governava o bispo D. João de Mendonça, que nomeou o conego Martinho Rodrigues, seu desembargador da mesa do despacho, para, auxiliado por alguns companheiros, examinarem o archivo do cabido e da camara ecclesiastica, as inscrições e outras particulari-

¹ *Opusculos*, vol. I², pag. 246.

dades aproveitaveis na Sé e nas diversas egrejas e templos do bispado, extrahindo as pedidas informações e copias dos documentos.

Por parte do cabido recaiu a eleição no mesmo conego e companheiros, o que tudo foi participado á Academia em officios de 20 de fevereiro e 1 de março de 1721.

O senado (camara) e provedor da Guarda prontificaram-se tambem, nos officios de 5 de junho e 20 de agosto do mesmo anno, a cumprir as instruções que lhes foram transmittidas e aquelle desculpando-se de o não fazer mais cedo pela difficuldade que havia em ler os pergaminhos antigos do archivo, que só foram decifrados quando por esse tempo chegou á cidade Martinho de Mendonça de Pina e Proença (*Bibl. Lus.*, vol. II, pag. 441) apreciado academico, natural da Guarda, enviava na mesma occasião algumas noticias, e um papel contendo o numero de logares e moradores que habitavam o termo da cidade.

Quanto ao provedor, desculpando-se tambem com o estado e letra do tombo das capellas e morgados, e com as multiplicadas occupações do seu cargo, que lhe não deixavam tempo livre para outros misteres, enviou uma relação, provavelmente sobre padroados, que foi obrigado, diz elle, a *mendigar pelas taboas e livros das egrejas*. De pouco valor seriam pois essas informações com base tão incompleta e pouco firme.

As da camara, como se verifica pelo que notei, não revestem tambem grande importancia, e nem a podiam ter se o seu archivo, como parece, não era então mais rico em pergaminhos do que ao presente, pois que apenas possui naquelle genero de documentos o livro de foraes e o de avaliações de officios da comarca da Guarda em 1689, unicos que me foram mostrados pelo digno secretario d'aquella corporação, o Sr. Correia Telles, que me informou não haver nenhuns outros.

Possue sim uma muito apreciavel collecção de padrões de pesos e medidas de bronze, que vem a ser: um grande marco do tempo de D. Manoel (1499) que deveria ter um quintal (4 arrobas) com as suas divisões e subdivisões; alqueire, meio alqueire, quarta e salamim do tempo de D. Sebastião com a era de 1575; cannada e meia cannada». (Pag. xx e sqq.).

«É licito duvidá-lo: mas basta o simples enunciado que acabo de fazer para se calcular a enorme e insubstituivel falta que elles [papeis entregues á Academia Real de Historia] fazem, especialmente depois que o archivo do convento da Guarda, ou pela devastação dos franceses, ou pelo incendio em parte, ou (e esta talvez seja a principal causa do descabro) por desleixo inveterado da corporação deixou de possuir elementos para se reconstituirem, ao menos em parte, aquellas noticias». (Pag. xxv).

«Em 1899 visitando a casa do capitulo da Cathedral da Guarda, em companhia do distincto architecto, Sr. Rosendo Carvalho, com o fim de se verificar a necessidade de desaffrontar o monumento d'aquelle vergonhoso appendice, e resolver a sua mudança, ainda alli vimos, alem de bastantes pergaminhos e documentos antigos, em parte dilacerados pelos ratos, noutra comidos pela humidade, impiedosamente arfanhados, e mettidos em caixotes velhos, de mistura com toda a sorte de lixo e immundicies, preciosas cartas regias dos primeiros monarchas portuguezes, distinguindo-se as de D. Dinis, e outras até D. Duarte, pelo seu perfeito estado de conservação, em que muito admiramos sobretudo os sellos pendentes de cera e chumbo, quasi intactos e, pela maior parte, completos. Algum conego misericordioso, e menos indifferente ás preciosidades historicas, as havia juntado e acautelado dentro de uma pasta ou bolsa de pergaminho, e alli escaparam até aquella data ao vandalismo inacreditavel de que tem sido victima aquelle archivo. Já o bem conceituado chronista da ordem seraphica, Fr. Manuel da Esperança, que escrevia no meado do seculo XVII, tendo ido á Guarda no intuito de documentar as suas arduas e bem dirigidas investigações historicas, declara ter encontrado aquelle archivo *tão indegesto* (sic) que lhe não foi possivel aproveitar d'elle cousa de geito para o seu trabalho, não obstante a *grande copia e riqueza dos documentos alli existentes a montão sem ordem ou nexo algum*: mas modernamente outro facto, não menos suggestivo do desmazelo e desleixo dos conegos com o seu precioso archivo, corre como certo na Guarda. Como se sabe Alexandre Herculano foi auctorizado, em beneficio dos seus estudos historicos, a visitar e examinar os archivos do reino, e foi tambem á Guarda, sendo-lhe alli facultado o da Cathedral, que a esse tempo estava já muito depauperado, quer por um incendio que diz ter alli occorrido, quer pela desvastação operada pela invasão franceza. Limitado o trabalho da ordenação e classificação dos documentos pelo numero restricto que escapara, e feito o seu exame, deixou-os Herculano methodicamente dispostos sobre uma grande mesa que existia na sala do capitulo e recommendou muito aos conegos que mandassem substituir por outros novos, os velhos e carcomidos armarios onde se guardavam a esmo, e alli os arrecadassem e conservassem segundo a ordem por que os tinha posto, mercê das suas fadigas. Isto succedia por volta de 1840, e, segundo me informaram, quando em 1899 alli estive com o Sr. Carvalho, haviam na vespera mettido os documentos á pressa nos antigos armarios, unicos que alli vimos, tendo até então permanecido, durante mais de *meio seculo*, em cima da mesa das sessões capitulares, onde desde muito não abancam os

conegos, que celebravam as suas reuniões noutra local, pelo estado de ruina em que estava a casa do capitulo. Se assim é, e apesar dos bons testemunhos custa a crer, avalie-se da porcaria, do lixo em que estariam sepultados aquelles preciosos documentos por tantos annos, bem como dos delictos que lhes causariam os ratos e a hamidade, a chuva mesmo, estando assim ao desamparo numa casa abandonada e em ruina! Por occasião da alludida visita que alli fiz, protestei logo varrer a minha testada; e, com effeito, denunciei o vandalismo, dias depois, em Lisboa, na Direcção Geral de Instrucção Publica, reclamando do illustre Ministro do Reino as necessarias providencias para salvamento do pouco, mas ainda muito precioso, que restava no archivo egitaniense. Chegaram a expedir-se ordens nesse sentido; mas a ameaça da *peste bubonica* que, por esse tempo se manifestou no Porto, desviaram e absorveram as attenções do Governo, e as minhas proprias, perdendo-se o ensejo de realizar essa obra benemerita». (Pag. 161 e sqq.).

«É mais do que provavel que nem sempre assim fosse, e que noutros tempos a Cathedral possuísse mobiliario e alfaias de valia condigna; e com effeito encontro noticia de ser muito rica, pelo menos em objectos de prata. D'estes parece que ainda alguns existem no thesouro episcopal e capitular, mas como restos mesquinhos do passado esplendor. Onde iriam parar essas riquezas e preciosidades? A invasão franceza, aliás de uma selvajaria nunca vista, desculpa muitas d'estas depredações na Guarda e em outros pontos do país; e o periodo revolucionario donde surgiram as nossas instituições liberaes completa a absolvição de muitos que foram os verdadeiros autores da rapina.

Ainda hoje na Guarda se apontam os nomes de alguns, e especialmente de certo conego que se apropriou para as vender a peso, das chumbeiras da Sé, deixando-a exposta ás affrontas do temporal, que puseram em risco as abobadas, e converteram nos nossos dias o templo em cisterna limosa e repugnante. Não seguiriam as pratas e alfaias, em grande parte, o caminho das chumbeiras e dos canudos do orgão monumental?

Será tambem da responsabilidade dos soldados de Napoleão a ruina do precioso archivo que o cabido possuia, e que continha os valiosissimos pergaminhos hierarchicos das nossas antiguidades, prerogativas, isenções e regalias?

Não o creio, e já aponte mais de um facto, attestando que, nesta parte, o vandalismo se deve á incuria e criminoso desmazelo dos conegos, quando não á sua cupidéz proverbial, sem offensa para os actuaes, que são um palido reflexo das reverendissimas e opulentas ociosidades,

salvas honrosas excepções, que os precederam outrora, em tempos melhores para elles. Quando muito imputarei áquelles apenas a limitada responsabilidade de se conservarem indifferentes aos restos, ainda apreciaveis, do que escapou no descabro do archivo». (Pag. 376 e sqq.).

(*Diocese e districto da Guarda*: serie de apontamentos historicos e tradiçoes sobre as suas antiguidades; algumas observaçoens respeitantes á actualidade e notas referentes á cathedral egitaniense e respectivos prelados, por José Osorio da Gama e Castro, Juiz de direito de primeira instancia e Governador civil do districto nos annos de 1897 a 1900. Porto, 1902, in-8.º).

Um thesouro do seculo XIV

Um proprietario de Monsanto, freguesia do concelho de Torres Novas, em Maio de 1903 mandou aplanar certa elevação marginal de uma serventia publica, por onde devia transitar um carro seu, pesadamente carregado.

O trabalhador que desempenhava tal missão, logo que deu os primeiros golpes de enxada, encontrou um pequeno vaso de barro, tapado cuidadosamente, que ali fôra occulto quasi á superficie da terra. Agitando por vezes o estranho achado, presumiu que achára um thesouro. Na impossibilidade de conhecer de pronto qual a especie de moeda que a sorte lhe deparava, fez saltar a parte superior do vaso com o olho da enxada e viu que effectivamente era dinheiro, mas antigo, que desconhecia.

Examinado ulteriormente o achado por pessoa entendida, viu-se que ali havia torneses e meios torneses, tanto de busto como de cruz, reaes de prata com escudo no anverso, hoje preciosos pela sua alta raridade, e aquelles que mostram a letra F coroada, ou o anagramma formado por FR, barbudas, graves, pilartes ou coroados e dinheiros. Exceptuados alguns pilartes cunhados no Porto, e as moedas hespanhólas de que falo mais abaixo, todas as moedas tinham a marca monetaria L, a de Lisboa, onde foram fabricadas em nome de D. Fernando, rei de Portugal (1367-1383).

Alguns exemplares de *reales* de prata de D. Pedro I, o *Cruel*, rei de Castella (1350-1369), com a letra P coroada no anverso, e alguns outros de D. Henrique II (1369-1379), aquelles que mostram as letras E N conjugadas, acompanhavam o dinheiro portuguez, porém em pequena quantidade.